

DIREITOS HUMANOS E A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL:

Problematizações sobre a IA na educação

Autores(as): GOIS, Julia Lopes¹; ROLIM, Pedro Henrique da Silva²; SCHROEDER, Marisol Zamboni²; PEREIRA, Beatriz de Andrade²; SANTOS, Julli Rejes Lorca dos²; FREITAS, Kauane dos Santos²; NASCIMENTO, Luana Camargo Alves do²; LAGE, Monica da Conceição²; SILVA, Rebeca Fernanda de Souza²; MORAIS, Sthepany Nicole Cassiano de²; PINI, Francisca Rodrigues de Oliveira; ASSUMPÇÃO, Raiane Patrícia Severino⁴; SILVA, Maria Liduína de Oliveira e⁴; LEONARDI, Fabrício Gobetti⁴.

¹Grupo PET Educação Popular, UNIFESP, Campus Baixada Santista, julia.gois23@unifesp.br, pet.ep.unifesp@gmail.com; ²Grupo PET Educação Popular, UNIFESP, Campus Baixada Santista; ³Tutora do Grupo PET Educação Popular, UNIFESP, Campus Baixada Santista; ⁴Co-tutor(a) do Grupo PET Educação Popular, UNIFESP, Campus Baixada Santista.

RESUMO: O PET Educação Popular “Criando e Recriando a Realidade Social”, desenvolve ações de ensino, pesquisa e extensão nos territórios da Baixada Santista, com a finalidade de promover o compartilhamento de saberes dialógicos entre universidade e comunidade. Neste artigo discorrerá sobre os direitos humanos e a inteligência artificial na educação, em diálogo com a atuação do PET educação popular. Desse modo, a inteligência artificial será problematizada sob uma perspectiva de consciência crítica da realidade concreta da população, compreendendo seus atravessamentos e a expressão da questão social presentes em seus territórios.

Palavras-chave: Educação popular; Inteligência Artificial; Extensão universitária.

HUMAN RIGHTS AND ARTIFICIAL INTELLIGENCE: Problematizations about AI in education

ABSTRACT : The PET Popular Education program “Creating and Recreating Social Reality” develops teaching, research, and extension activities in the territories of Baixada Santista, aiming to promote the sharing of dialogical knowledge between the university and the community. This article will discuss human rights and artificial intelligence in education, in dialogue with the actions of the PET popular education program. In this way, artificial intelligence will be problematized from a perspective of critical awareness of the concrete reality of the population, understanding its intersections and the expression of social issues present in their territories.

Keywords: Popular education; Artificial Intelligence; University extension



1. INTRODUÇÃO

O Grupo PET Educação Popular: Criando e Recriando a Realidade Social, da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), campus Baixada Santista, foi criado em 2010 com o objetivo de produzir conhecimentos por meio de ações de ensino, pesquisa e extensão que ajam de uma maneira igualitária e democrática nos territórios da Baixada Santista, com vista no referencial teórico-metodológico da Educação Popular.

Sob esta perspectiva, as ações desenvolvidas pelo grupo nos territórios atuantes enfatizam a importância da integração de conhecimentos entre a comunidade acadêmica e os saberes populares, criando espaços de voz ativa entre todos os participantes com acolhimentos e círculos de cultura focados na emancipação dos sujeitos envolvidos. Por consequência, por meio da práxis da educação popular fica evidenciado nos diálogos com a comunidade que a utilização da inteligência artificial está se tornando cada vez mais presente na atualidade, principalmente no meio educacional, e debater os seus desafios no cotidiano é essencial para construirmos uma educação emancipatória que tenha compromisso com os direitos humanos e que promova o desenvolvimento de uma consciência crítica da realidade nos dias atuais.

Desta forma, fica-se evidente que em tempos de avanços tecnológicos é importante entender as possibilidades que estas novas tecnologias trazem para a realidade, entretanto com o cuidado de estar sempre em diálogo com os saberes tradicionais e com ações que valorizem o contato humano. Com isso, neste resumo expandido o PET Educação Popular: Criando e Recriando a Realidade Social irá refletir sobre os novos desafios da práxis da Educação Popular, com foco na promoção dos Direitos Humanos na Era da Inteligência Artificial, partindo de uma perspectiva de consciência crítica da realidade concreta da população, compreendendo seus atravessamentos e a expressão da questão social presentes em seus territórios.

2. METODOLOGIA

Para entendermos as problematizações sobre a IA na educação precisamos apresentar qual maneira este grupo PET tem se organizado em suas ações e métodos, para que no decorrer da discussão se entenda as comparações que questionam a valorização do saber "artificial" sobre o conhecimento tradicional. O PET Educação Popular tem sua tríade e são realizadas ações de ensino, pesquisa e extensão.

Na parte de ensino acontecem encontros de formação, abordando diversas temáticas relacionadas à educação popular. Em cada uma das formações, o petiano fica responsável pela organização e mediação do encontro. Os estudos têm como centralidade as categorias teóricas presentes na pesquisa que está em curso. Algumas referências estudadas e debatidas: “A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador”, de Carlos Rodrigues Brandão. “A vida não é útil”, de Ailton Krenak. “A formação do sujeito de direitos humanos pela educação: Bases ético-filosóficas da educação em direitos humanos” de Paulo Carbonari.



Na pesquisa tem construído o estudo intitulado como “Territórios de atuação do PET Educação Popular na Baixada Santista: compartilhamento de saberes” desde o ano passado, em 2024. E tem por objetivo responder a seguinte indagação: “A práxis da educação popular considera os saberes da população envolvida na construção das ações e dialoga com a intersecção de classe, gênero, gerações, pessoa com deficiência e raça/etnia com vistas à promoção da educação em direitos humanos?” A nossa hipótese se ancora nos estudos referentes à educação popular (Brandão, 2006; 2019), a teoria do conhecimento de Paulo Freire (1987), e interseccionalidade (Hills; Bilge, 2020), por enfatizar a relevância da participação dos sujeitos como princípio do processo educativo, assegurando seus saberes e suas experiências de vida.

Na extensão os projetos são construídos junto com as comunidades parceiras, de modo que priorize as especificidades de cada território. Sua atuação ocorre no território da Baixada Santista, e suas ações se dão por meio de três Frentes simultaneamente: Cultura e Resistência Indígena, atuando nos territórios indígenas da Baixada Santista; Saúde Mental, atuando nos CAPS de Santos e Culturas e Educação em Direitos Humanos, que atua na Tia Egle situada num território periférico da zona noroeste de Santos com crianças da região e na UME Gota de Leite com crianças a partir do 2º Ano escolar do ensino fundamental. São nos territórios que se é colocado em prática a reflexão, independente da frente e da comunidade, os petianos se organizam em ações que busca-se valorizar e reconhecer diferentes saberes através de um processo dialógico e assim realizar um planejamento e construção de objetivos e atividades em conjunto. Explorando as realidades específicas de cada território, interagindo com as histórias, os sonhos e os desafios das pessoas que frequentam esses espaços. A partir dessa interação com a população e seu território, os petianos buscam estimular uma compreensão crítica da realidade por meio da realização de círculos de cultura. E trazer em uma construção coletiva de saberes questões intrinsecamente importantes para a reflexão e a abordagem à Educação em Direitos Humanos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Por consequência, temos como exemplo algumas das ações do PET:

1- Os estudos preparatórios de jovens adultos Guarani para prestarem o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja) e o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), onde os encontros de matemática são estudados através dos artesanatos



Imagem 1. Estudos através das miçangas na Tekoá Parapanuã - São Vicente, SP. Fonte: Acervo do PET Educação Popular.

2- Fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários, promovido por meio de práticas coletivas que envolviam o diálogo e a partilha de experiências entre crianças e responsáveis



Imagem 2. Dia das práticas de autocuidado com o grupo dos responsáveis e das crianças no CAPs tô ligado. Fonte: Acervo PET Educação Popular.

3- Durante as atividades que abordaram o Direito à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer, após a leitura integral do artigo em conjunto com as crianças, inicia a discussão sobre a definição de lazer, e como esta palavra pode significar várias coisas diferentes, a depender da cultura, território e questões sociais de cada grupo específico.



Imagem 3. Definições de lazer. Fonte: Acervo do PET Educação Popular

Desta forma, como visto, o PET Educação Popular: Criando e Recriando a Realidade Social é constituído de uma prática pedagógica e fundamentação teórica baseada na Educação Popular, assim sendo, comprometida com a transformação social dos sujeitos e na reflexão crítica da realidade, valorizando os saberes construídos historicamente pelos indivíduos em divergentes contextos culturais. Nesse sentido, partindo como base dos estudos do educador brasileiro, Paulo Freire, que irá afirmar a importância de entender o processo educativo como uma construção coletiva que objetive a horizontalidade entre os educadores e os educandos no ato de ensinar, partindo de experiências e vivências que precedem o material didático (FREIRE, 1989, p. 11).

Sob esta perspectiva, a educação precisa estar comprometida com a promoção à democracia, e a emancipação humana, abrangendo grupos populares em diversos territórios sem hierarquizar os sujeitos e sem se pautar em ideologias excludentes e discriminatórias. Desta maneira, deve estar constantemente vinculada à luta pela expansão dos direitos humanos, e ao propósito de modificar não apenas o sistema educacional, mas também toda a consciência coletiva da sociedade. Podemos exemplificar este conceito ao analisar os estudos de Carlos Brandão (2006) ao reafirmar sobre este sentido da educação popular.

“[a educação popular] pretende fundar não apenas um novo método de trabalho “com o povo” através da educação, mas toda uma nova educação libertadora, através do trabalho do/com o povo sobre ela” (p. 47)

Seguindo esta visão, debater a crescente inserção da Inteligência Artificial no cotidiano educacional é de extrema importância nas discussões atuais, pois seu uso tem provocado impactos significativos, tanto positivos quanto negativos, ao modo de se enxergar a educação e os direitos humanos. Diante deste cenário, uma das maiores preocupações relacionados ao uso destas novas tecnologias é o aumento da disseminação de desinformações e dos vieses ideológicos vinculados aos algoritmos, que podem reproduzir discriminações como de raça,



gênero ou classe, além da valorização a lógica do mercado de “eficiência” e “controle”, que por consequência, inferioriza o saber tradicional construído a partir do diálogo e da troca de experiências.

Sendo assim, estes sistemas ao partirem do pressuposto de uma ideologia dominante tendem a compartilhar padrões hegemônicos de pensamento, invisibilizando saberes populares e não eurocentrados, e contribuindo para a expansão da ideia de que há apenas uma possibilidade de conhecimento no mundo, não levando em conta as realidades locais e as divergentes vivências culturais. Como dito por Carlos Rodrigues Brandão (2010), “*Ensinar é uma forma de aprender com os outros, enquanto aprendemos com o mundo*”, dessa forma não tem como pensarmos em uma relação educativa, mesmo as mediadas pelas tecnologias, que não prevalecem centradas na humanização e no diálogo. Como afirma Gadotti (2008),

“O diálogo não é apenas uma estratégia pedagógica. É um critério de verdade. A veracidade do meu ponto de vista, do meu olhar, depende do olhar do outro, da comunicação, da intercomunicação. Só o olhar do outro pode dar veracidade ao meu olhar [...] O meu conhecimento só é válido quando eu o compartilho com alguém. A ação comunicativa é parte da busca do conhecimento” (p. 130-131).

Desta maneira, as novas ferramentas tecnológicas, ao não priorizarem o desenvolvimento humano e a construção coletiva de saberes, reforça os interesses da lógica neoliberal de meritocracia e eficiência, reformulando os atos de ensinar e aprender como práticas de “resolução de demandas” e “entrega de trabalhos” ao invés de focarem em entender a realidade vigente de uma maneira crítica e emancipatória aos sujeitos envolvidos. É possível exemplificar este argumento, com a fala de Freire, “*Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção*” (2019, p. 47).

4. CONCLUSÕES

Diante disso o uso da IA no meio educacional sem um senso crítico, acaba se tornando uma ferramenta para reforçar o que Freire chama de Educação Bancária, no qual em uma relação vertical o educador transfere seus conhecimentos para o aluno, sem uma construção crítica da realidade que esvazia os saberes dos alunos e os tornam apenas receptores passivos do conhecimento sem autonomia com uma desvalorização dos seus saberes. Com o uso da inteligência artificial cada vez mais forte no cotidiano educacional para se criar atividades, respostas de trabalhos, dinâmicas etc., acaba-se consequentemente desumanizando cada vez mais o ensino e a construção do saber coletivo, no qual o conhecimento se torna uma mera mercadoria padronizada e que valoriza apenas a eficiência e a entrega otimizada.



A IA nesse contexto busca reforçar na atualidade o discurso neoliberal, no qual o sujeito deve apenas entregar resultados esperados sem fomentar o diálogo e a reflexão crítica, pilares essenciais para a construção coletiva de uma Educação Libertadora que prioriza ações transformadoras no meio pedagógico, por isso vale ressaltar a importância de ficar alerta sobre o uso da IA que pode inibir o desenvolvimento educacional dos alunos criando uma dependência tecnológica em uma plataforma feita apenas para reproduzir informações incapaz de se apropriar da humanização tão essencial para um saber crítico da realidade.

As ações realizadas pelo PET Educação Popular exemplificam os argumentos utilizados anteriormente, já que suas atividades vinculadas a uma educação emancipatória e a um diálogo horizontal entre os petianos e os sujeitos dos territórios, trazem uma valorização do conhecimento humanizado que necessita de um ambiente de diálogo entre os sujeitos para que possam compartilhar seus conhecimentos de forma coletiva nas suas atividades que promovem debates sobre territorialidade, gênero, sexualidade, raça, cor, cultura e outras intersecções sociais, tal abordagem Freiriana promove a conscientização sobre o uso da IA como uma ferramenta com um algoritmo que muitas das vezes pode reproduzir informações enviesadas que reforcem desigualdades históricas. colocando a IA não como uma plataforma que veio para substituir o saber e ações humanas, mas como uma tecnologia que ao ser usada é preciso ter um senso crítico e ético, reconhecendo que ela pode auxiliar em tarefas analíticas, mas jamais substituir a capacidade criativa e criticar do saber humano, que é construída por meio das suas experiências vividas a partir da sua subjetividade.

5. AGRADECIMENTOS

Aproveitamos este espaço para agradecer ao Ministério da Educação e ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação pelo contínuo apoio e incentivo às atividades do PET. Estendemos nossos agradecimentos à UNIFESP, por possibilitar projetos e programas que enriquecem a experiência universitária, e, de maneira especial, à nossa tutora, Francisca Rodrigues de Oliveira Pini, bem como aos co-tutores Maria Liduina de Oliveira e Silva, Fabrício Gobetti Leonardi e Raiane Severino Assumpção, pelo empenho e por compartilharem a práxis da educação popular nas comunidades da Baixada Santista. Também agradecemos as pessoas dos territórios, das aldeias indígenas, Tekoa Paranapuã, São Vicente, Tekoa Mirim, Praia Grande, e Tekoa Nhanderekoa, Itanhaém; dos CAPS: IJ Tô Ligado e do Vila; e a todos os educadores e educandos da UME Gota de Leite e da Tia Egle, pela facilitação de todo o processo de ensino-aprendizagem e por possibilitar essa aproximação tão valiosa entre universidade e comunidade. Por último, mas não menos importante, à todas/os petianas/os e estudantes de outros projetos de extensão que não mediram esforços para participar deste projeto.



6. REFERÊNCIAS

- AZAMBUJA, Celso Candido de; SILVA, Gabriel Ferreira da. Novos desafios para a educação na Era da Inteligência Artificial. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/fun/a/jWKkyjpRzxjm6c85yCKv4MN/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 09 Out.2025.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação popular. 1ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. São Paulo: Brasiliense, 2010
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 17.ed., 1987.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2019
- GADOTTI, Moacir. MOVA, por um Brasil alfabetizado. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008.
- HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017